



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 19/12/2014

GLOBAL	2
Un pantallazo sobre el impacto de la caída del petróleo en el mercado de carnes.....	2
BRASIL	2
Precios registraron bajas en las principales plazas, aunque al término de la semana la tendencia depresiva cesó.....	2
Demanda estacional podría elevar precios de la carne bovina.....	3
Menor faena por caída en la oferta ganadera y retención de hembras	3
Crisis rusa afecta las exportaciones brasileñas de carnes	3
Proyección oficial optimista a mediano plazo.....	4
Cae el precio del sebo bovino por escasa demanda	5
URUGUAY	5
Los precios de los vacunos ajustaron a la baja.....	5
Aguerre dijo que acceso a cuota 481 “no cambiará”.....	5
Devaluación rusa impactará en exportaciones uruguayas.....	7
Protocolo acordado con el USDA habilitará que carne uruguaya vaya directo a supermercados de EE.UU.	8
Carne ovina: Misión de Estados Unidos podría aprobar el ingreso de cortes con hueso	8
PARAGUAY	9
Ganadería cierra año muy positivo, pero principal destino bajaría precio Devaluación de la moneda rusa surge como seria amenaza	9
Envíos de carne a Rusia, paralizados	10
Proponen una certificación de carne natural.....	10
Carne Brangus creció 30% en 2014.....	11
UNIÓN EUROPEA	11
Comité Veterinario Permanente Mercosur pide discusión técnica que defina los criterios para controlar carne	11
La Unión Europea estrena un etiquetado alimentario más completo	12
Declaración conjunta: Promueven el bienestar animal	12
POLONIA: Fallo judicial habilita nuevamente la faena.....	13
ESTADOS UNIDOS	13
Estados Unidos: Importador neto de carnes bovinas.....	13
América del Norte: Analizan su oferta potencial de hembras	14
Experto prevé que las consecuencias de la reciente sequía seguirán presionando	15
Buenas perspectivas comerciales abre la reanudación de relaciones diplomáticas con CUBA	15
RUSIA	16
India podría comenzar a exportar carne de búfalo en diciembre	16
AUSTRALIA	16
2014 año de récords de producción y exportaciones.....	16
Compulsa entre productores para adecuar el glosario de términos relativos a la carne	17
Cotizaciones de carne manufactura hacia EE.UU. se debilitan	17
Se mantiene la alerta por la Corriente de El Niño	17
EMPRESARIAS	18
McDonald's: crece la demanda hamburguesas Angus	18
Inversiones brasileñas tienen fuerte ponderación en la industria frigorífica uruguaya	18



GLOBAL

Un pantallazo sobre el impacto de la caída del petróleo en el mercado de carnes

18 December 2014 Global oil prices have fallen from around US\$110/barrel to US\$60/barrel since mid-2014, and if prices remain low, there are a number of possible outcomes for different countries around the world in relation to consumer activity. This article outlines a few potential situations, but is far from exhaustive.

The key reasons for the price drop given by oil market analysts are the maintenance and growth of oil production around the world, at a time when demand is slowing, at both industrial (especially China/India) and consumer (such as US/Europe) levels.

Oil exporters

Countries like Saudi Arabia, the UAE, Kuwait and Qatar have large cash reserves or wealth funds, and relatively low costs of production, so in the short term, low oil prices should not be too concerning for their budgets – which are heavily reliant on oil income. These are key markets for Australian red meat, and their strong financial position should help them maintain demand for consumer goods, including meat protein.

Russia is also heavily reliant on foreign income from oil exports, but does not have the stockpile of cash reserves of the Gulf nations mentioned above. It is likely to be more affected by the drop in oil prices. In recent days and weeks, the rouble has depreciated significantly, and interest rates have risen to 17%. While Russia is currently not a major buyer of Australian red meat, there are potentials for global trade flows if other exporters like Brazil redirect beef and poultry to other markets if Russian buyers start to find it harder to make payment.

Oil importers

In the short term, lower oil prices are seen as positive for consumers, as it should result in cheaper petrol and other goods with oil as a key ingredient – potentially leaving a larger proportion of income available for other discretionary purchases. This would be a positive outcome for general consumer demand, including for products like red meat, which have become more expensive this year.

Longer term, however, there are suggestions that the decline in oil prices can be partly attributed to slower economic activity and lower consumer confidence, which would be likely to have a negative impact on consumer spending, including for relatively high-value products like red meat.

These are potential scenarios for countries like the US and Canada, the EU and China, all of which are major buyers of Australian red meat.

BRASIL

Precios registraron bajas en las principales plazas, aunque al término de la semana la tendencia depresiva cesó

Sexta-feira, 19 de dezembro de 2014 - 08h44

Apesar das crescentes tentativas de pagamentos de preços abaixo da referência, há dificuldade de impor quedas significativas ao preço do boi.

Inclusive, em algumas praças, como na Bahia, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, os preços subiram. A oferta está mais escassa nestes estados, principalmente nos dois primeiros.

Em São Paulo, preços estáveis, com as escalas de abate que atendem, em média, entre quatro e cinco dias.

Os dias sem abate no fim de ano ajudaram a "esticar" o calendário das programações, mas somente as empresas que contam com boiadas contratadas a termo têm, de fato, escalas mais confortáveis.

No mercado atacadista de carne sem osso, reajuste semanal de 1,6%.

Porém, para a carcaça os preços se mantiveram. Não são esperadas movimentações que levem a altas significativas em curto prazo.

Fonte: Cepea, adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/12/14 O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, divulgou boletim sobre mercado do boi gordo nessa quinta-feira (18).

As cotações do boi gordo seguem em queda em dezembro, conforme dados do Cepea. O principal motivo é a retração de compradores, que, com a proximidade do recesso de final de ano, têm menor urgência de compra, porque as escalas de abate se reduzem.

Entre 10 e 17 de dezembro, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (estado de São Paulo) do boi gordo recuou 0,85%, fechando a R\$ 142,02 nessa quarta-feira. Na parcial do mês (até dia 17), a baixa acumulada é de 2,2%. A disponibilidade de animais, por sua vez, segue baixa, limitando as quedas nas cotações.



Escalas de abate dos frigoríficos aumentaram Redução nos preços da arroba em algumas praças.

Quarta-feira, 17 de dezembro de 2014 - 09h14

As indústrias conseguiram alongar suas programações de abate nos últimos dias. Porém, a demanda não tem acompanhado. Isso deixou o mercado lento e diminuiu a necessidade de compra de matéria prima.

A disponibilidade de boiadas de cocho está chegando ao fim. Animais terminados em pasto não são abundantes.

Em São Paulo existem frigoríficos maiores, que trabalham com boiadas de parceria, com suas escalas de abate fechadas até o final do mês.

No estado, as ofertas de compra chegam até a R\$140,00/@, à vista, embora haja grande dificuldade para realizar negócios nesses preços.

De forma geral, na maior parte do país, estão mais comuns as tentativas de compra abaixo da referência.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, preços estáveis.

Desde o começo do mês o boi casado de animais castrados acumulou queda de 2,2%, o que contribuiu para o cenário de menor sustentação do mercado do boi gordo.

Demanda estacional podría elevar precios de la carne bovina

Postado em 19/12/2014 A crescente demanda no mercado interno nas festas de final de ano e com a “injeção” do 13º salário devem elevar o preço do quilo da carne bovina aos consumidores. Em Mato Grosso, estado com maior rebanho bovino, o quilo da carne bovina em dezembro está 2,38% mais caro que em novembro e ao se comparar com o mês o ano passado chega a 22,8% de alta.

Hoje, segundo o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea), 75% da carne bovina produzida em Mato Grosso fica no mercado interno.

“O consumo da população brasileira, que é o principal destino da nossa carne, continua firme mesmo com os altos preços constatados no varejo mato-grossense. Estes preços, apesar de altos, ainda têm espaço para aumentar este ano, tendo em vista que a distribuição do 13º salário já começou e as festas de final de ano se aproximam”, informou o Imea em seu Boletim Semanal da Bovinocultura. Caso a situação econômica das famílias brasileiras não se altere e a demanda externa continue aumentando, 2015 promete bons preços para os bovinocultores de corte mato-grossenses.

Menor faena por caída en la oferta ganadera y retención de hembras

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.15/12/2014 A redução da oferta de animais e a retenção de matrizes para reprodução foram os fatores que provocaram a queda de 4,5% no abate de bovinos no terceiro trimestre de 2014 em relação a igual período de 2013. O resultado interrompeu uma sequência de 11 aumentos, informou hoje o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No total, foram abatidos 8,457 milhões de cabeças sob inspeção sanitária.

Segundo o órgão, a estiagem dos últimos meses pesou na decisão dos produtores de diminuir a oferta e preservar animais utilizados na reprodução. “Temos registrado uma oferta reduzida de animais. Com a seca, houve também retenção de matrizes. Isso tudo ajudou a impactar os abates”, disse Octávio Costa de Oliveira, gerente de Pecuária do IBGE.

Uma hipótese que também pode ter contribuído, segundo Oliveira, é a decisão de frigoríficos de esperar o preço do boi gordo ceder no atacado. Ele lembrou que o preço da arroba esteve em alta durante todo o terceiro trimestre.

Crisis rusa afecta las exportaciones brasileñas de carnes

Fonte: Canal Rural. 16 de dezembro de 2014. A crise da economia russa diante dos embargos econômicos e da queda do preço do petróleo começa a repercutir nas exportações brasileiras de novembro e dezembro.

A situação econômica da Rússia está revertendo parte dos ganhos que o Brasil conquistou diante da crise entre o Ocidente e Moscou. No mês passado, as vendas nacionais para o mercado russo caíram 44,2%, depois de registrar alta de 16,0% e 12,0% em setembro e outubro, respectivamente. O setor de commodities foi o mais prejudicado neste fim de ano, com queda de 50,0%.

Em agosto, a União Europeia adotou o maior pacote de sanções contra Moscou desde o fim da Guerra Fria. As medidas tinham a meta de forçar o presidente Vladimir Putin a desistir de apoiar separatistas na Ucrânia. Mas, em retaliação, o governo de Moscou fechou seu mercado para as exportações agrícolas da Europa e dos EUA.

Para substituir os produtos fornecidos pelos americanos, principalmente a carne, a Rússia foi buscar alternativa no Brasil e na América do Sul. Por isso, no acumulado do ano, as exportações brasileiras à Rússia estão 32,0% acima do valor de 2013. No setor de carne suína, a alta é de 117,0%; no de frango, de 120,0%.



De acordo com Francisco Turra, presidente da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a tendência de alta já começou a se reverter - reflexo direto da piora das condições da economia russa.

Mercado

O dia começou com o anúncio de alta na taxa de juros da Rússia, que está em 17,0%. O rublo tomou fôlego de manhã e durante todo o dia sofreu queda. O preço do barril do petróleo ficou abaixo de US\$60,00, o pior nível dos últimos cinco anos. A moeda registrou a pior queda desde a crise financeira de 1998, à medida que a confiança no banco central evaporava após uma ineficaz elevação da taxa de juros. O rublo começou a ser negociado cerca de 10,0% mais forte ante o dólar após o banco central russo elevar os juros em 6,5 pontos percentuais, mas reverteu ganhos e caiu a mínimas recordes, levando a desvalorização ante o dólar neste ano para mais de 50,0%.

O presidente Vladimir Putin culpou especuladores e o Ocidente pelas quedas no preços do petróleo e do rublo. Um rublo fraco representa um enorme teste para Putin, já que isso impulsiona a inflação.

- O banco central (russo) terá grandes dificuldades para estabilizar o rublo enquanto continuarem as fortes vendas generalizadas de petróleo, disse o economista do Danske Bank Vladimir Miklashevsky, em nota.

O BC já gastou cerca de 80 bilhões de dólares para defender o rublo neste ano até agora. O país ainda tem cerca de US\$416,00 bilhões de dólares em reservas internacionais. Em 1998, o rublo sofreu um colapso em questão de dias, forçando a Rússia a declarar moratória de sua dívida. Embora as finanças públicas e as reservas internacionais sejam muito mais saudáveis agora do que em 1998, analistas dizem que o país está à beira de uma crise total do câmbio.

Indonésia

Além de perder terreno na Rússia, os exportadores brasileiros têm dificuldades para negociar a entrada do frango na Indonésia. Ontem, a diplomacia brasileira iniciou consultas na OMC com o governo de Jacarta por causa das barreiras impostas sobre o frango nacional. Segundo Turra, os indonésios não trouxeram qualquer tipo de proposta concreta e apenas indicaram que querem negociar. Tudo indica que o caso será levado aos tribunais.

Proyección oficial optimista a mediano plazo

Fonte: Valor Econômico. Por Rosangela Capozoli. 18 de dezembro de 2014. Uma montanha russa é a melhor imagem para ilustrar o mercado de exportação da carne brasileira este ano. Enquanto o volume embarcado de carne de frango e bovina sobe, a de suíno recua. A expectativa é que os solavancos diminuam em 2015, quando as vendas externas devem crescer de 2,0% na carne suína chegando a cerca de 10,0%, na bovina, sobre 2014.

Em um prazo de seis anos, o horizonte se mostra ainda mais animador: estudo da Ministério da Agricultura, Pecuária Abastecimento (MAPA) estima que até 2020 a carne brasileira suprirá 44,5% do mercado mundial. Essas estimativas indicam que o Brasil se firmará ainda mais na posição de líder em embarques mundiais de carnes bovina e de frango.

Os índices estão, praticamente, em linha com as projeções divulgadas por entidades representativas do setor, referentes a 2014. As exportações de carne bovina, por exemplo, estão estimadas em 1,58 milhão de toneladas, resultado 4,4% superior ao de ano passado, de acordo com os dados divulgados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC). O faturamento previsto é de aproximadamente US\$7,28 bilhões, montante inferior à previsão inicial do setor, que era alcançar US\$8,00 bilhões, neste ano. Mesmo assim, o resultado é recorde e representa um crescimento de 8,6% na comparação com os US\$6,70 bilhões arrecadados em 2013.

Nos primeiros 11 meses do ano as vendas externas de proteína bovina - carne in natura, miúdos, tripas, industrializados e salgados - somam US\$6,50 bilhões, valor que já representa um aumento de 8,1% ante o mesmo período do ano passado. Em volume, os embarques até novembro chegam a 1,42 milhão de toneladas, alta de 3,6% na mesma base de comparação.

Para a ABIEC, 2015 terá embarques recordes em receita e volumes, de US\$8,00 bilhões e 1,70 milhão toneladas, respectivamente. "A retomada de importantes mercados como a China, que suspendeu o embargo; e Irã e Egito, que ainda mantinham embargo para carne proveniente do Mato Grosso; bem como as perspectivas positivas para o anúncio do fim do embargo da Arábia Saudita e do Japão, permitem manter uma previsão muito boa para 2015", diz Antônio Jorge Camardelli, presidente da ABIEC. Números apresentados pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) dão conta de que, apesar de queda no volume no embarque de carne suína, a receita ficou mais gorda. Já as exportações de frango, por exemplo, cresceram 2,4% entre os meses de janeiro e novembro - para 3,65 milhões de toneladas - sobre igual intervalo do ano passado.

Em receita, houve redução de 1,0%, segundo a mesma comparação, chegando a US\$7,27 bilhões. As vendas externas de carne suína, por sua vez, somaram 455,82 mil toneladas e receita de US\$1,48 bilhão, queda de 5,0% no volume, porém elevação acentuada de 17,9% no valor, na comparação com os onze primeiros meses de 2013.



Com 172,97 mil toneladas, a Rússia liderou o ranking dos importadores do produto, neste ano, chegando a 37,9%, alta de 101,5% entre os meses de janeiro a novembro sobre período anterior, atingindo US\$766,03 milhões. "Temos certeza de que o desempenho que se vê com a Rússia vai se repetir no próximo ano", diz Rui Vargas, vice-presidente de suínos da ABPA.

Na prática, nuvens negras escurecem o cenário do mercado russo, que atravessa uma crise econômica aguda provocada pela queda nos preços do petróleo e forte desvalorização do rublo, o que ameaça reduzir as compras de carne bovina brasileira em até 20,0%.

Cae el precio del sebo bovino por escasa demanda

Segunda-feira, 15 de dezembro de 2014 - O mercado do sebo está pressionado. Houve desvalorização no Rio Grande do Sul e no Brasil Central.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, os negócios ocorrem em R\$1,80/kg e R\$1,65/kg, respectivamente.

A oferta de matéria prima não está abundante, devido ao ritmo dos abates, mas a demanda está fraca.

As indústrias de higiene pessoal e limpeza compram pouco, com boa parte delas se preparando para a menor atividade no final do ano, devido aos feriados e férias coletivas.

As produtoras de biodiesel estão fora das compras, à espera da definição do leilão de biodiesel da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis).

URUGUAY

Los precios de los vacunos ajustaron a la baja

+ Por Blasina y Asociados - 19.12.2014, El mercado de hacienda gorda se muestra con dificultosa operativa. Los menores valores propuestos por la industria y el alargamiento de las entradas, sumado a un productor pretencioso y sin apuro por vender, se traducen en una merma en el volumen de negocios.

En materia de precios, por los mejores novillos se logran entre US\$ 3,40 y US\$ 3,45.

En el caso de las vacas –con menos demanda– la referencia se ubica en el eje de US\$ 3,20.

Las entradas son variadas. Las mismas dependen de la categoría. Para novillo gordo bien terminado están en una semana aproximadamente, y para las demás categorías las entradas están previstas para los primeros días del año que viene.

Mientras tanto, en ovinos, el mercado permanece muy firme y ágil. Los corderos pueden alcanzar hasta US\$ 4,30 e incluso algunos centavos más. En el caso de la oveja se negocian a US\$ 3,75.

Referencias de Consignatarios

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) bajó tres centavos su referencia para el novillo gordo, a US\$ 3,45, y siete la de la vaca, a US\$ 3,18. En ovinos subió un centavo el cordero general a US\$ 4,27, mantuvo el pesado a US\$ 4,28 y subió uno la oveja a US\$ 3,74. Además, señalaron la preocupación por los bajos rendimientos de los ganados.

El mercado de reposición se mantiene cauteloso y con preferencia por los negocios cortos.

Durante el remate realizado la semana pasado por Plazarural la cotización del ternero se mantuvo incambiada respecto al remate anterior, en US\$ 2,03/kg. El índice "flaco/gordo" –cociente del precio del ternero sobre precio del novillo en pie– que mide la relación de reposición se ubica en 1,105, cerca de su nivel más bajo desde el año 2010.

La faena de vacunos sigue trancada por la discrepancia de precios ofrecidos. En la semana que culminó el 13 de diciembre la faena de vacunos subió un 3% con respecto a la anterior y alcanzó los 45.656 animales. En comparación a la semana equivalente del 2013, la faena fue un 7% mayor. Se faenaron 22.210 novillos –48,6% de la faena total– y 22.199 vacas –un 48,6% del total faenado–.

El índice INAC para el kilo de novillo de la semana que terminó el 13 de diciembre subió de US\$ 3,624 a US\$ 3,625, y se ubicó un 6,2% por encima del precio que tenía hace un año.

El kilo de vaca INAC pasó de US\$ 3,322/kg a US\$ 3,309/kg, precio 4,1% superior al que había en 2013.

En relación al precio promedio de exportación para la carne bovina, aumentó de US\$ 4.111/t a US\$ 4.113/t. El promedio de las últimas cuatro semanas móviles fue US\$ 4.073, un 0,3% mayor al que tenía a igual momento de 2013.

Por la pérdida de valor del rublo, entre otros factores cabe esperar que el ajuste de precios tenga un sustento que va más allá de la zafralidad típica del final del año.

Aguerre dijo que acceso a cuota 481 "no cambiará"

+ Pedro Silva @pedro_silva54 - 17.12.2014, Aguerre se mostró satisfecho con gestiones en Europa; mañana emprende el regreso

El acceso de Uruguay a la cuota 481 en la Unión Europea (UE) "no cambiará", al menos hasta que los europeos cierren un Tratado de Libre Comercio (TLC) con EEUU, algo que "podrá ocurrir en dos, tres o cuatro años", informó hoy a El Observador –desde Bruselas– el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca



(MGAP), Tabaré Aguerre. "Hemos hecho gestiones para mejorar las condiciones de acceso" a la UE, remarcó el jerarca.

El ministro admitió que su presencia en Bruselas encabezando una delegación integrada por el vicescanciller Luis Porto, el vicepresidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Fernando Pérez Abella, y representantes de la industria frigorífica fue una forma "de anticiparnos a los problemas y transformar una amenaza en una oportunidad".

Aguerre recordó que la cuota 481 "es de EEUU", que fue compensado así por la UE por las trabas al ingreso de carne estadounidense producida con hormonas. En 2010, Uruguay inició gestiones para ingresar a esa cuota, al igual que Australia y Nueva Zelanda. También ingresaron Canadá y, meses atrás, fue habilitada Argentina.

"La cuota 481 es de 45 mil toneladas y este año fue la primera vez que se usó en su totalidad", comentó Aguerre, y agregó que "para Uruguay es complementaria de otras". Sin embargo, el ministro recordó que "surgió la preocupación de operadores estadounidenses acerca de que la cuota era más usada por terceros países", que por el propio EEUU.

De esa forma, "organizamos este viaje para hacer las gestiones necesarias para mejorar las condiciones de acceso, ya que vimos que había un poco de concentración en las compras de fin de año y comienzos de 2015", dijo Aguerre, lo que podía perjudicar los intereses de Uruguay.

"Trabajamos muy bien, con una visión público privada y nos hemos anticipado a posible problemas", aseguró el Aguerre, quien remarcó que el riesgo de perder esta cuota "es el mismo de siempre porque la cuota no es de Uruguay ni de Australia, sino de EEUU".

El ministro sostuvo que en el mundo del comercio y las relaciones internacionales "no hay que quedarse quietos y hay que ser activos. La participación en la cuota 481 la ganamos peleando y de esa forma la mejoramos y la mantenemos".

La misión encabezada por Aguerre finalizó hoy y mañana jueves ya emprenden el regreso a Montevideo. En los tres días de trabajo en Bruselas, Aguerre mantuvo reuniones con los directores de Comercio y de Agricultura de la UE, y con representantes de Australia, que están en igual situación que Uruguay respecto a la cuota 481.

La Unión Europea mantiene interés por carne uruguaya

EL PAÍS 19/12/14 La cuota 481 "no peligrará" y los importadores de la Unión Europea continúan mostrando interés por la carne vacuna uruguaya. Estados Unidos presiona en Bruselas para frenar que terceros países envíen mayor volumen del asignado. La cuota 481 no peligrará", confirmó a El País desde Bruselas el vicepresidente de Instituto Nacional de Carnes (INAC), Fernando Pérez Abella. La versión de que Estados Unidos estaba apurando un Tratado de Libre Comercio (TLC) con la Unión Europea y a raíz de ese acuerdo quedaría sin efecto para terceros abastecedores el cupo 481, por ahora, "queda reducido sólo a un rumor".

Pérez Abella, junto al ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, el vicescanciller, Luis Porto, y representantes de las dos cámaras de la industria frigorífica, formó parte de una misión público-privada que intentó arrojar luz en torno al tema.

Según dijo el jerarca, los rumores de eliminación del cupo —nacido en el marco del litigio de la carne con hormonas entre EE.UU. y la UE—, "forma parte de un gran lobby de los exportadores estadounidenses, que están enojados porque dentro de cada trimestre, los terceros abastecedores enviaron más carne de los volúmenes asignados".

Por otro lado, tampoco podían competir con los precios de Australia y Uruguay.

Los rumores comenzaron en octubre, en la feria Sial París y perduran hasta hoy. "No hay nada, ni ninguna gestión de Estados Unidos, ni ninguna gestión de la UE que se esté llevando a cabo por este tema", dijo Pérez Abella. Aún así, la Cancillería continuará trabajando en los meses venideros. "La misión sirvió para conocer la verdad en este mar de lágrimas", destacó.

El vicepresidente del INAC confirmó también que los importadores de la UE mantienen "firme el interés por la carne uruguaya. Lo que más llama la atención es el gran interés que hay, la preocupación de los importadores en perder el producto. Los cortes de la 481 hace tiempo que están en las góndolas y se creó una demanda. La performance que tuvo la carne uruguaya es excelente", sostuvo Pérez Abella.

En la misma sintonía, Gastón Scayola, representante de la Asociación de la Industria Frigorífica que conforma la delegación en representación de su sector, también confirmó a El País el interés de los importadores y recordó que "hubo pequeñas dificultades al final de cada trimestre. No vemos peligros o que las cosas, por el lado oficial, vayan a cambiar en el corto y mediano plazo", destacó en diálogo con El País.

Scayola explicó que las dificultades que se vienen registrando cada trimestre y que motivaron que la Unión Europea tenga mucha carne, se basan en que "está entrando un poquito más de carne 481 de lo que hay de cuota disponible". Por eso, entiende que Uruguay debe seguir monitoreando el tema y consideró muy oportuna la misión.



"Por suerte, Uruguay está muy bien parado en el mundo y con rápida reacción como para prepararse y pelear por la posición que hoy tiene. Es una posición diferencial en calidad de carne, en seriedad y en su forma de trabajo. Ante ciertas incertidumbre vinimos a Bruselas, no negamos que sigan existiendo incertidumbres para el futuro, pero por suerte estamos bien parados", destacó.

Devaluación rusa impactará en exportaciones uruguayas

+ A. Oyhenard P. Zanocchi - 17.12.2014 La combinación de bajos precios del petróleo, una recesión inminente en la economía rusa y las sanciones occidentales por la crisis en Ucrania generaron una tormenta perfecta que llevaron al derrumbe del rublo ayer, que repercutió en todo el mundo y abrió un compás de incertidumbre en particular para el mercado de las materias primas y para las economías emergentes.

Una cotización del petróleo por debajo de los US\$ 59 por primera vez desde mayo de 2009 –con la amenaza de seguir en baja–, en conjunto con la incapacidad del Banco Central de ese país para frenar la fuerte depreciación de su moneda a través de un alza de emergencia de las tasas de interés (de 10,5% a 17%), llevó al rublo a colapsar durante la víspera a niveles mínimos históricos de 79 unidades por dólar, más allá de que en la tarde de ayer la moneda rusa se recuperó parcialmente a 68,4 rublos por dólar. En la jornada del lunes, el dólar se había fortalecido 13% frente al rublo.

Desde la óptica uruguaya, aunque ha perdido peso en los últimos meses como destino en volumen para las exportaciones de carne vacuna local, Rusia es hasta ahora la mejor opción para colocar trimmings (recortes) y menudencias. Además, es el principal destino para la manteca y ha cobrado relevancia para los quesos.

La devaluación del rublo no sólo impactará en los bienes destinados a ese mercado, sino también en el acceso a otros destinos relevantes para la producción nacional, coincidieron analistas y empresarios consultados por El Observador.

El director del frigorífico Pando, Eduardo Urgal, dijo que es un hecho que con un rublo a 70 unidades por dólar "no hay posibilidad" de continuar cerrando negocios con ese destino. "Habrá que ver si mercados sustitutos como Estados Unidos y China responden", explicó. De todas formas, el industrial estimó que el precio promedio de más de US\$ 4.000 la tonelada por la carne vacuna que está obteniendo el país tendrá una baja de 7% a 10% en el corto plazo. "Esto es debido a lo que está aconteciendo en Rusia y a otros mercados", precisó Urgal.

Por otro lado, apuntó que la situación del mercado ruso puede determinar un "desplazamiento" de la carne brasileña que ingresa a ese destino –su cliente número uno– hacia China, lo que dejará a Uruguay frente a una mayor competencia en el que es hoy su principal mercado en volumen.

El economista Alfonso Capurro de CPA-Ferrer, señaló que el ingreso medio en dólares de Rusia por la baja del crudo "prácticamente cayó a la tercera parte, por tanto, su capacidad de comprar carne y pagar bien está mermada, al igual que otros alimentos". Agregó que los efectos "sobre nuestros socios comerciales como Brasil o nuestros competidores como Paraguay –en el caso de la carne vacuna–, no son para nada despreciables. Hay que mirarlo con atención", alertó. Dijo que "esto es lo que más preocupa ahora y lo que estamos tratando de monitorear. A largo plazo es muy difícil adelantar algo. Va a depender críticamente de lo que pase con el petróleo", aseguró Capurro.

En el acumulado enero-noviembre, Uruguay exportó US\$ 276 millones a Rusia, un aumento de 8% respecto a 2013. El principal producto fue la carne bovina con US\$ 86,7 millones, seguido por la manteca (US\$ 75,9 millones), los quesos (US\$ 27,1 millones) y menudencias bovinas (US\$ 20,1 millones). Rusia también compró cítricos por US\$ 12,1 millones, según datos de Uruguay XXI.

Nueva era

Para el analista agropecuario Joaquín Secco, la debilidad en el precio de los commodities y sus consecuencias sobre las economías emergentes, se "demoró un año", pero llegó. "El viento de cola definitivamente comenzó a soplar más despacio", aseguró. En ese sentido, advirtió que como consecuencia de la abrupta caída en los precios de los lácteos, soja, maíz y trigo, en el próximo ejercicio (2015), varias empresas del sector "no tengan números positivos".

Precisó que por un "mal año" el aparato productivo no suele detenerse, pero aseguró que de mantenerse un barril de petróleo en niveles cercanos a los US\$ 60, habrá un impacto mayor sobre la producción uruguaya a futuro.

"La carne (vacuna, cerdo y pollo) es maíz y soja con cuero", ejemplificó Secco. Eso explica la correlación que se da entre el precio del crudo y el precio de otros commodities: salvo en el caso de Uruguay –donde las pasturas son la base de la dieta de los animales–, en otros productores como EEUU o Australia los granos tienen un peso relevante. Con un petróleo barato, también caerá el precio del maíz, que se utiliza para producir etanol como sustitutivo de los hidrocarburos. Eso hará "inevitable una arrastre a la cotización de la leche y la carne" por la caída de los costos de producción, advirtió Secco.



En la misma línea, Urgal recordó que la evidencia demuestra que el precio del petróleo, granos y carne, en el corto o mediano plazo, se correlacionan y ajustan. Por ahora lo veníamos sorteando bastante bien, pero sabemos que el ajuste va a llegar”, admitió el industrial.

Precisamente, para Secco, el gobierno transmitió una “señal equivocada” al no reducir los precios de los combustibles ante la baja abrupta del crudo para la zafra agrícola de mayor relevancia para el país (la de verano donde se implantan cultivos como la soja, maíz y sorgo). Recordó que las coyunturas de caída en los precios de los commodities se han “repetido en el pasado de la histórica económica del país. Esto determina que los buenos años terminen siendo una burbuja. Cuando los precios caen, los productores comienzan a perder y a elevar su endeudamiento”, alertó. De todas formas, Secco dijo que este nuevo contexto externo no tendrá el impacto que tuvieron otros episodios como la crisis del 2002 o la de 1982. “Será un obstáculo que va dificultar el crecimiento de la economía en el corto plazo”, culminó.

Protocolo acordado con el USDA habilitará que carne uruguayaya vaya directo a supermercados de EE.UU.

PABLO ANTÚNEZ mar dic 16 2014 En 2015, la carne vacuna uruguayaya podría comenzar a diferenciarse en Estados Unidos a partir de la exportación de cortes de alto valor directamente a las góndolas de los supermercados, certificados por el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Los cortes deberán proceder de una serie de establecimientos agropecuarios que conformarán el programa de Carne Natural Certificada, siguiendo una serie de pautas específicas que persiguen destacar los atributos que actualmente requieren los consumidores: respeto por el bienestar animal y el medio ambiente, supresión del uso de antibióticos y producciones pastoriles y naturales a cielo abierto.

Estados Unidos fue un mercado importante para Uruguay en 2014, pero la carne exportada —al igual que en años anteriores— tiene por destino la industria: son cortes para picar.

"Estamos arreglando los papeles y luego habrá que asegurar que existan suficientes establecimientos certificados adentro del programa para conseguir volumen. Con la carne natural certificada hay una chance inmejorable para lograr un mejor posicionamiento dentro del mercado y mejorar los precios", aseguró a El País el presidente del INAC, Luis Alfredo Fratti.

Potencial.

El sector cárnico uruguayayo cerrará 2014 con una facturación récord de entre US\$ 1.600 millones y US\$ 1.700 millones y con un valor promedio por tonelada vacuna que estará por encima de US\$ 4.000. "Esos precios son absolutamente sostenibles y el mundo sigue demandando carne", destacó Fratti.

Entre los argumentos manejados por el presidente del INAC, está el hecho de que la carne vacuna continúa siendo la estrella y desde la óptica del instituto, Uruguay se ha convertido en una selecta boutique de carne que es reconocida en el mundo.

"El mundo nos mira con respeto y eso hace valorizar nuestro producto", según el razonamiento del presidente de INAC. Por otro lado, según la visión de Fratti, los países que pueden producir más carne "están bastante topeados. Para Brasil está difícil aumentar su producción y dentro de la región, Paraguay es el país que tiene más chance", agregó.

A la vez, en sus casi 10 años que estuvo como presidente del INAC, Fratti dijo que todos los años escuchó alguna noticia indicando que los precios de la carne se caen, pero insistió en que "Apocalipsis en la carne no hay y el edén tampoco, porque para estar ahí, hay que morir primero", dijo tajante.

Es más, recordó que en 2008 se creía que la crisis económica en la Unión Europea "iba a matar a Uruguay, pero lo que hubo fue una pequeña ondulación de precios que no nos hizo mella".

Fratti agregó que todos los años en los que escuchó que Uruguay iba a tener problema con los precios, "siempre se vendió mejor que el año anterior. Por eso no creo que ahora, con la caída del precio del petróleo, la carne vacuna sea afectada como a otros productos".

China.

En cuanto a China, el principal mercado de volumen para la carne vacuna uruguayaya, pero con la ventaja de que se puede entrar con cortes con hueso, Fratti aseguró que quedó en el debe crear una oficina comercial permanente.

"No hemos conseguido las voluntades para tener una oficina comercial en Asia, que debería estar en China, en eso estamos dormidos", dijo.

En tal sentido Fratti recordó que Australia y Nueva Zelanda, además de Chile, cuentan con esa herramienta en China, por lo que instó a "copiarle a los inteligentes de la clase". El INAC tuvo durante seis meses un técnico apostado en China y fue una buena experiencia, pero según Fratti "se precisa algo más permanente. Hay que tener una bandera clavada ahí".

Carne ovina: Misión de Estados Unidos podría aprobar el ingreso de cortes con hueso

PABLO ANTÚNEZ lun dic 15 2014 Comienza hoy la auditoría de Estados Unidos que conforma parte del análisis de riesgo previo a la apertura de ese mercado para los cortes ovinos uruguayos con hueso. A la vez, el MGAP comenzó las gestiones con la Unión Europea.



FOTO

El sector ovino tiene una gran expectativa en la auditoría de Estados Unidos que se pone en marcha hoy y durará hasta el próximo miércoles.

Lograr la apertura de ese mercado es fundamental para valorizar los cortes, pero a la vez, aceleraría el ingreso en otros destinos de alto valor, como bien pueden ser Canadá y México, países que también están en la mira de Uruguay. En todos ellos, ya se ingresó o están entrando cortes ovinos desosados.

La gran herramienta para destrabar esos mercados es el compartimento ovino, avalado por el código sanitario de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), donde a través de garantías científicas adicionales y basándose en la trazabilidad individual de cada animal, Uruguay demuestra que los ovinos —que no se vacunan con la enfermedad desde hace décadas— no tuvieron contacto alguno con el virus causante de la fiebre aftosa.

"Uruguay va cumpliendo etapas y avanzamos sustancialmente desde que empezamos a trabajar", aseguró a El País el director general de los Servicios Ganaderos, Francisco Muzio.

Aunque no hay fechas precisas aún, con México y Canadá también se cumplirán auditorías y se continúa negociando.

Según Muzio, en paralelo, se envió "una nota a las autoridades sanitarias de la Unión Europea solicitando las condiciones para comenzar a comercializar carne ovina con hueso". En este destino Uruguay, incluso, tiene una cuota de 5.800 toneladas peso carcasa, donde se destinan los cortes más valiosos, pero siempre desosados.

Entrar con cortes sin desosar permitirá valorizar el producto y bajar los costos. En cuanto a la misión del Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA) que empieza hoy, está prevista en esta jornada una reunión técnica en el MGAP, donde Uruguay mostrará su condición sanitaria. A la vez, el Secretariado Uruguayo de la Lana (SUL), presentará el sector ovino uruguayo. Mañana martes concurrirán al campo del SUL en Cerro Colorado donde está instalado el compartimento ovino y también visitarán el frigorífico San Jacinto, donde se realizan las faenas especiales. El miércoles es la reunión de evaluación.

PARAGUAY

Ganadería cierra año muy positivo, pero principal destino bajaría precio Devaluación de la moneda rusa surge como sería amenaza

ABC Color 15 de Diciembre de 2014 La ganadería está cerrando un año con balance muy positivo, con récords anticipados en las exportaciones, tanto en toneladas como en divisas; igualmente, con aumento excepcional de las estadísticas de faenamiento bovino, pero nuestro principal mercado, Rusia, pide menor precio debido a la Ampliar

"El año 2014 está cerrando con un balance muy positivo para la ganadería, con récords anticipados en divisas y volumen de exportación", señaló ayer el presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), doctor Germán Ruiz.

Según los datos, la exportación de carne bovina, desde enero hasta el cierre de noviembre de este año registró un total de 242.469 toneladas, por un valor de US\$ FOB 1.126 millones. Estas cifras superan a los US\$ 981 millones por 191.983 toneladas de carne, respectivamente, correspondientes a todo el envío de ese rubro del 2013.

Ruiz explicó que como consecuencia del crecimiento se abrieron posibilidades para que se instalen tres nuevas industrias frigoríficas en el país. "Se está terminando el armado de una nueva planta para faenamiento de 500 cabezas por día, se proyecta la ampliación del frigorífico Neuland para 1.000 cabezas por día más; la firma JBS instalaría otra industria en Belén, departamento de Concepción; y también hay posibilidades de que Minerva instale una industria, entre Concepción y Yby'u", anunció Ruiz. Añadió que es casi normal que vengan nuevos proyectos de inversión, impulsados por el aumento de la producción pecuaria.

Con el ritmo de crecimiento actual, cada año se necesita como mínimo un nuevo frigorífico de 500 cabezas por día, estimó.

Destacó que el ritmo de faenamiento bovino registró un récord en octubre pasado con 206.000 animales, muy superior a las 136.000 cabezas, que era la máxima estadística mensual, que fue setiembre de 2013.

"Paraguay tiene posibilidades de mayor crecimiento, si se aplican nuevas tecnologías en manejo de forrajes, combinando la pecuaria con la agricultura; así, fácilmente en 15 años podríamos llegar a 27 millones de cabezas en el hato bovino nacional", dijo.

En otro orden, señaló que surgió un problema: Rusia, nuestro principal mercado para la carne, quiere bajar muy grande el precio de nuestros envíos.

"Ellos tienen una devaluación del rublo de cerca del 40%, por eso ahora estamos viendo para colocar directamente nuestra carne en China, saltando los puentes que hoy tenemos como son Hong Kong y Vietnan", indicó. Mencionó que se está trabajando con miras a exportar carne a EE.UU.



Según los datos, de US\$ 1.126 millones de las divisas de la carne, US\$ 486 millones corresponden a envíos realizados a Rusia, con un precio de US\$ 4.095 por toneladas. En cuanto a la inminente reapertura de Europa, informó que sería recién el año que viene. “Nos enteramos de que la UE pide un nuevo estudio serológico para el hato bovino, que será después de la vacunación de enero”, acotó.

Envíos de carne a Rusia, paralizados

16 de Diciembre de 2014 Las exportaciones de carne a nuestro principal mercado, Rusia, están virtualmente paralizadas, porque los precios que ofrecen pagar actualmente en ese país están casi al mismo nivel que el ganado en pie en Paraguay, dijo ayer el vicepresidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Korní Pauls. Informó que los contenedores de carne enviados desde octubre están varados en los puertos, y que la misma suerte sufrirán los que todavía están en camino.

Explicó que los compradores pretenden renegociar los precios que hasta setiembre se pagaba US\$ 4.700 por tonelada, para bajar a US\$ 3.300 por toneladas.

Los rusos argumentan que su moneda, el rublo, se devaluó 40% y no pueden transmitir el precio anterior a sus consumidores, sino en sentido contrario. Explicó que esta situación afecta al Paraguay y al Brasil, que juntos suman el 80% de las importaciones de carne de Rusia. “La situación de la industria de la carne está muy complicada, crecieron el hato ganadero y la capacidad de faena de las industrias, pero no se diversificaron los mercados. La mayor parte de nuestras exportaciones de carne va a cuatro mercados, y cualquier situación en uno de ellos, en este caso en Rusia, genera un impacto demasiado importante.

“Creo que tendrá un impacto en la caída de los precios del ganado”, comentó. Dijo que con Senacsa se deberá trabajar para habilitar nuevos mercados importantes en precio y volumen.

De los US\$ 1.126 millones de la exportación de carne de enero a noviembre de este año, US\$ 486 millones corresponden a envíos realizados a Rusia.

18 de Diciembre de 2014 La devaluación de la moneda rusa, el rublo, en cerca del 40%, tendrá consecuencias importantes sobre la ganadería paraguaya, porque es nuestro principal mercado en ese rubro, explicó la empresaria Maris Llorens.

Una caída en los precios del ganado en Paraguay podría desatarse a raíz de la difícil situación que se plantea con las exportaciones de carne a Rusia, por el volumen que implica, advirtió la referente del sector, Maris Llorens.

Añadió que todavía no pueden estimar cuántos contenedores de cada frigorífico están en camino, ni cuántos están varados en los puertos, que deberán renegociar a menor precio, según la información extraoficial.

Según la Cámara Paraguaya de la Carne, los envíos de carne a Rusia realizados antes de setiembre se negociaron a US\$ 4.700 por tonelada; mientras que en el presente los compradores de ese país ofrecen pagar US\$ 3.300 por toneladas, bajo el argumento de la importante devaluación del rublo.

Agregó que hay frigoríficos paraguayos que por las partidas que exportaron ya llegaron a pagar a los productores, hecho del cual se infiere la importancia que tiene para ellos el cobro por sus exportaciones.

Admitió Llorens que pueden sufrir fuertes pérdidas y que analizan la conveniencia de cobrar menos o todo el monto que acordaron inicialmente, pero en cuotas debido a la depreciación del rublo.

“Esta situación no es culpa de nadie, porque se está haciendo buen trabajo con Senacsa y ARP, pero deberíamos buscar nuevos mercados que compensen el problema con Rusia”, dijo.

Cree que la apertura de China será lento porque tiene un estatus superior al nuestro, o sea es libre de aftosa sin vacunación; además por la traducción de documentos al mandarín, etc.

De los US\$ 1.126 millones de la exportación de carne de nuestro país, de enero a noviembre de este año, US\$ 486 millones corresponden a envíos hechos a Rusia.

Sigue gestión ante la UE para lograr la reapertura

18 de Diciembre de 2014 El presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), doctor Hugo Idoyaga, se encuentra actualmente en Europa participando en reuniones de la Organización Mundial de Salud Animal (OIE) y paralelamente está realizando las gestiones pertinentes con la Unión Europea, para la reapertura a nuestra exportación de carne, informó ayer el doctor Ricardo Feltes, titular interino de la entidad. Añadió que esta semana serán presentadas ante la UE las documentaciones del muestreo serológico que prueban la ausencia de circulación viral de fiebre aftosa en el Paraguay. Detalló que los resultados son 22.500 muestras, provenientes de 930 establecimientos pecuarios de nuestro país.

Proponen una certificación de carne natural

Fonte: www.foodnewslatam.com, traducida e resumida pela Equipe BeefPoint. 17/12/2014

A organização Guyra Paraguay propôs criar uma certificação de carne natural (ou “orgânica”) do Chaco como incentivo à conservação do ecossistema dessa região.



O diretor da ONG, Alberto Yanowsky, acompanhado da secretária do Ambiente, Cristina Morales, reuniu-se com representantes do setor produtivo de Chaco central e norte para apresentar a proposta que envolverá o setor público e privado.

Morales disse que a carne de Chaco precisa se diferenciar, ser amigável com o meio-ambiente, para conseguir uma certificação. Entre os critérios de certificação estão a recuperação e a manutenção da conectividade dos ecossistemas, proibir a caça, coleta, extração e tráfico de animais silvestres nas fazendas; contar com planos de uso da terra; e conservação dos recursos hídricos.

Os produtores participantes disseram que esses critérios estão incluídos nas leis vigentes e, ao cumprir com a norma, poderiam receber a certificação.

Carne Brangus creció 30% en 2014

Abc 19 de diciembre de 2014 La cantidad de animales Brangus faenados este año en el marco del plan de carne con marca que implementa la Asociación de Criadores de Brangus del Paraguay (ACBP), alcanzó 40.000 cabezas, de 51 establecimientos; cifra que revela un crecimiento del 30% con relación a 2013, informó ayer el presidente del gremio, Víctor Maehara.

En otro orden, la Brangus se consagró por quinto año consecutivo como la raza que más animales registró en la Dirección de Registros Genealógicos de la Asociación Rural de Paraguay (ARP), con 13.504 cabezas.

Maehara también destacó que la ACBP es el primer gremio ganadero de Paraguay que lleva a cabo un emprendimiento como el Plan Master de Brangus, que consiste en planes integrales de crianza, evaluación genética y capacitación de técnicos, etc. Añadió que para implementarlo contrataron al experto internacional Don Nicol. "Se están incorporando paulatinamente más cabañas para las evaluaciones genéticas Deps, a posicionarse como un proyecto de largo plazo.

Actualmente ya son 76 criadores los que forman parte del programa y cuenta con el apoyo de los centros genéticos que forman parte de la Cámara Paraguaya de Biotecnología e Inseminación Artificial (Capabia). Envío de genética Por otra parte, también señaló que tramitan exportaciones de genética Brangus a Ecuador y Sudáfrica.

Volumen del negocio

En otro orden de cosas, Miguel Reinau, de la Comisión de Ferias de la Brangus, estimó que a lo largo del año, con las ferias internacionales, la raza registró un volumen de negocios de G. 2.322.054.000; mientras que en las nacionales recaudaron G. 3.000.000.000 aproximadamente.

UNIÓN EUROPEA

Comité Veterinario Permanente Mercosur pide discusión técnica que defina los criterios para controlar carne

PABLO ANTÚNEZ sáb dic 13 2014 Los países del Mercosur, donde se encuentran fuertes productores de carne, insisten en que la Unión Europea defina las reglas para controlar las cepas de Escherichia Coli productoras de las denominadas shiga toxinas que han complicado embarques.

La región del Mercosur es una fuerte proveedora de carnes para el mundo y tendrá, a futuro, mayor protagonismo todavía, porque hay firmes posibilidades de crecimiento en los volúmenes a producir. A la vez, los países de la Unión Europea han sido mercados tradicionales para Argentina, Uruguay, Brasil y Paraguay —entre otros—, pero todavía cobra más importancia porque acaparan los cortes de mayor valor de la res (lomo, bifes y cuadril).

Tiempo atrás, la falta de reglas claras en los controles en los puertos de la Unión Europea de las cepas de Echerichia Coli que son causantes de las denominadas shiga toxinas (conocidas como Stec), complicaron y provocaron rechazos de algunos contenedores de carne, incluso de Uruguay. El problema en la Unión Europea es que no todos los países de destino de las exportaciones controlan las mismas bacterias y eso complica a los exportadores.

Por eso, el Comité Veterinario Permanente (CVP) —compuesto por los jefes de los servicios sanitarios de la región— intenta apurar a la Unión Europea para emita los lineamientos de los controles. El tema formó parte del encuentro de las autoridades del CVP con los sectores privados que conforman el Foro Mercosur de la Carne.

"Vamos a ser muy insistentes con este tema. Se le pidió a la Unión Europea los lineamientos sobre cómo va a proceder, pero no hay acuerdo todavía", aseguró el flamante presidente pro tempore del CVP, Francisco Muzio que asumió el cargo esta semana en la reunión celebrada en Montevideo.

Lo que se busca, según explicó Muzio "es tener una discusión técnica con las autoridades de la UE" y en ese sentido, es muy probable que se organice algún foro a nivel regional que evalúe esta problemática y posibilite avances.

Aftosa.



Otro de los temas que dominó la reunión de Montevideo fue los avances generados en el control de la fiebre aftosa.

En ese sentido, el presidente saliente del CVP, Hugo Idoyaga recordó que hoy la región tiene "el 99% de su área reconocida como país libre de fiebre aftosa con o sin vacunación", deconstruyendo la visión que tenía años atrás. "Es un gran logro", sostuvo el profesional.

Los grandes avances se dieron gracias al Programa Mercosur Libre de Fiebre Aftosa (conocido como PAMA 1) y en ese sentido, Francisco Muzio, recordó que ya pasaron "dos años y once meses desde que se detectó el último foco de la enfermedad en la región". Es por eso que desde el CVP se piensa poner en marcha una segunda fase del citado programa, focalizando las acciones en la erradicación de la enfermedad.

"El proyecto PAMA, más allá de brindar un apoyo financiero permitió integrar a los servicios veterinarios de la región, permitió generar confianza", remarcó Idoyaga al evaluar el accionar de la región en sus 11 años de creación del CVP.

"La región dio una muestra de una real integración y transparencia de todos los trabajos que hemos realizado", destacó el profesional paraguayo.

Ahora, en el marco de un PAMA 2, el esfuerzo se focalizará en "integrar a Venezuela", mientras que Ecuador, otro país que dio algunos dolores de cabeza en el pasado, "será, seguramente, el año que viene libre de aftosa con vacunación", dijeron los profesionales.

Pero hoy, más allá de la fiebre aftosa que siempre representó un flagelo para los países de la región, el CVP tiene grupos de especialistas que abarcan diferentes áreas y que trabajan silenciosamente para mejorar el status sanitario de los países miembros.

A la vez, tanto el presidente saliente, Hugo Idoyaga como el presidente entrante, Francisco Muzio, destacaron los grandes avances que representó que la mayoría de los países, hayan evaluado sus servicios veterinarios a través de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE). El año que viene se evaluarán Chile y Paraguay.

La Unión Europea estrena un etiquetado alimentario más completo

Publicado el: 13 diciembre, 2014 Fuente: EFE La Unión Europea (UE) estrenará este sábado un nuevo etiquetado alimentario, con más información para el consumidor sobre las características nutricionales del producto o la presencia de alérgenos.

A partir del 13 de diciembre las etiquetas de los alimentos envasados deberán indicar de manera destacada si contienen alérgenos como la leche o la soja, información que también deberá estar disponible en restaurantes y cafés.

Además, las referencias en los alimentos tendrán que respetar unas normas para garantizar su claridad y legibilidad, con requisitos de tamaño de letra y lugar de ubicación de la información.

Más información al consumidor

En adelante, los aceites deberán también especificar su origen, de manera que ya no servirá la referencia general "aceites vegetales", y habrá que precisar si la procedencia es la oliva, el girasol, la palma u otra.

La nueva legislación prevé otros importantes cambios como la obligación de indicar el origen de la carne de cerdo, oveja, cabra o pollo.

Declaración conjunta: Promueven el bienestar animal

TheCattleSite News Desk 19 December 2014 EU - Denmark, Germany and the Netherlands have issued a joint declaration on animal welfare, calling on the European Union to improve further animal welfare for those species where there are already regulations and to extend it to include others.

Earlier this week, the Agriculture and Fisheries Council of the EU was briefed by the Danish, German and the Netherlands delegations about the outcome of a trilateral ministerial meeting on animal welfare which took place on 14 December 2014 in Vught in the Netherlands.

In this context, a joint declaration was adopted by the three member states.

Several member states supported the initiative. However some noted that considering the high level of EU standards for animal welfare, reciprocity should be requested from third countries exporting to the EU. Some pointed out also that one should ensure that existing legislation is correctly applied before having new proposals in this area.

Denmark, Germany and the Netherlands considered that the EU should work further on the animal welfare policy and regulation and focus on:

better regulation, to develop proposals for a simpler and modern legislation in the area

better welfare, to improve the current level of animal welfare in several areas when legislation exists

promotion of knowledge and raise awareness on animal welfare issues.

Summary of the Joint Declaration



The agriculture ministers of Denmark, Germany and the Netherlands have called for the current welfare legislation to be more strictly and consistently applied across the EU.

Some of the current provisions should be adjusted, they say, to take account of the latest scientific findings, technical innovations and socio-economic trends. They highlight the need to focus on animal-based welfare measures, to inform consumers better, to stipulate journey times and stocking density during transportation and to review non-therapeutic mutilations with the view to phasing them out, including beak-trimming of hens.

They are calling for other animals to be covered by legislation, including turkeys, broiler breeders and pullets, as well as for companion animals (dogs, cats).

Training of people who handle animals should be improved and awareness should be raised of other people, such as consumers.

Advantage should be taken of possibly synergies with other EU policy areas, such as the Common Agricultural Policy and environmental policy.

Finally, the declaration calls for greater support for those in the EU to continue their pioneering role in animal welfare and actively participate in raising awareness for the well-being animals in Europe and internationally.

On tail docking of pigs, the three countries call for a stepping up of the implementation of EU legislation so that all stakeholder organisations commit to phasing out tail-docking.

On antibiotics, the joint declaration says there should be a further reduction in the use of antibiotics and a common strategy should be developed to establish a level playing field in this area, both within the EU and at international level.

POLONIA: Fallo judicial habilita nuevamente la faena

TheCattleSite News Desk 17 December 2014 - A court has overturned an earlier ban on kosher slaughter of animals, which was due to come into effect in 2015.

Poland's constitutional court last week ruled to allow the resumption of kosher slaughter in the country, in favour of a petition to overturn a ban implemented last year, reports Y Net News.

"Jewish communities all over Europe can sigh in relief," said a statement by the European Jewish Association (EJA), which led the drive to re-allow kosher slaughter in Poland.

Rabbi Menachem Margolin, General Director of EJA, applauded the court for overturning the prohibition of kosher slaughter and voting in favour of the petition.

He added: "This is a very important day, not only for the Jewish community in Poland but for all European Jews. We were able to prevent a dangerous precedent that would have affected all European Jewry."

Rabbi Margolin spearheaded a long struggle to overturn the law passed in November 2013, but would have only been implemented in 2015. He had also appealed to Polish Prime Minister Ewa Kopacz to overturn the law after she took office in September.

He argued that the Jewish practice of 'shechita' is "the most humane method of slaughter" as it ensures the welfare of the animal not only at the time of slaughter but also concerns itself with "the conditions in which animals are raised before their slaughter."

The Y Net News report adds that the EJA had previously campaigned against legislation to restrict the practice of ritual slaughter in Denmark.

Following Rabbi Margolin's meetings with members of the European Commission, including Commissioner for Health Tonio Borg, the Commission promised to seek clarification on any legislation that calls for restrictions on the practice of religious slaughter.

ESTADOS UNIDOS

Estados Unidos: Importador neto de carnes bovinas

15 December 2014 US - More beef is being imported into the US, largely due to greater Australian volumes, according to two Missouri economists.

Year over year beef imports were up a "whopping" 49.2 per cent in October and volumes for the first ten months were 25 per cent higher.

This is according to Professor Ron Plain and Scott Brown's weekly cattle update from the University of Missouri, which revealed that exports, in stark contrast, were down.

Shipments to Canada and Mexico are lower, although more beef went to Japan and South Korea.

Overall, October exports accounted for 10.5 per cent of production and imports 12.6 per cent.

There were few significant changes in this month's USDA price forecasts (WASDE). USDA held steady their forecast for the marketing year average price of corn at between \$3.20 and \$3.80 per bushel. USDA increased their prediction of 2014 fed cattle by 88 cents to \$155.29/cwt live and they raised their forecast for 2015 average slaughter steer price by \$6 to between \$160 and \$172/cwt.



América del Norte: Analizan su oferta potencial de hembras

By Derrell S. Peel, Oklahoma State University Extension December 15, 2014 | 12:17 pm EST

Record U.S. cattle prices provide a tremendous pull for cattle of all types and from all possible sources.

Canada

On July 1, 2014, Canada reported an all cattle inventory of 13.33 million head, down one percent from 2013. This total includes 3.92 million beef cows, also down one percent from one year ago. The July 1 Canadian beef replacement heifer inventory was 616,000 head, down 4 percent from 2013 levels. Weekly Canadian cattle slaughter data for the year to date through early November indicates that total cattle slaughter is up 4.2 percent year over year, including a 10.4 percent increase in heifer slaughter. Beef cow slaughter in Canada is down 8.1 percent for the same period.

U.S. imports of Canadian cattle for the first ten months of 2014 were up nearly 20 percent, including a 7.3 percent increase in cattle for immediate slaughter and a 42 percent increase in feeder cattle. Total cattle for immediate slaughter includes a two percent increase in slaughter cows and a 15 percent increase in slaughter heifers for the year to date. Among feeder cattle imports from Canada, year to date totals include a 68 percent increase in feeder heifers and a four percent increase in feeder steers. Roughly 95 percent of the year over year increase in feeder cattle imports from Canada consists of heifers, an increase of over 100,000 head.

Increased heifer slaughter in Canada combined with increased heifer exports to the U.S. suggests that heifer retention is not happening in Canada. This is consistent with decreased beef cow and beef replacement inventories and, reduced Canadian beef cow slaughter notwithstanding, suggests that the Canadian beef cow herd is not expanding or at most very slowly in 2014. If herd expansion in Canada begins or accelerates in 2015, it will limit or reduce domestic Canadian cattle slaughter and/or cattle exports to the U.S.

Mexico

The Mexican beef cow herd appears have declined in recent years and is continuing to decrease. Data on the Mexican cattle industry is scarce but the data that does exist is consistent with anecdotal indications that Mexican cattle numbers have tightened considerably in recent years. Industry sources indicate that cow numbers have continued to decline and cow slaughter has continued at relatively high levels to support domestic beef production. Current USDA Foreign Agricultural Service estimates indicate that the beef cow herd and total cattle slaughter will decrease year over year in 2014 and 2015.

Mexican cattle exports to the U.S. declined 33 percent in 2013 following sharply elevated cattle exports in 2011 and 2012 due to drought. The 2012 exports included a record level of heifers, which more than compensated for fewer steer exports to result in the second largest Mexican cattle export total. Mexican cattle exports to the U.S. in 2014 are up nearly 15 percent from 2013 levels for the first ten months of the year. Similar to 2012, the year over year increase in U.S. imports of Mexican cattle in 2014 include a proportionately larger increase in heifers compared to steers. 2014 U.S. imports of Mexican heifers are up 30 percent year over year although heifers make up only 19 percent of total year to date Mexican cattle exports. Preliminary weekly data for imports of Mexican cattle in November and early December indicate a slower pace of year over year imports since October but that heifer exports continue to increase proportionately more than steers. These data show that heifers account for 42 percent of the year to date increase in 2014 Mexican cattle exports to the U.S. Increased Mexican heifer exports since 2011 make it unlikely that heifer retention has been or is occurring at this point in time.

U.S. Implications

The Canadian and Mexican cow and heifer situation has implications for herd size and cattle production on the North American continent in coming years and more immediately on current feeder supplies. Record U.S. cattle prices provide a tremendous pull for cattle of all types and from all possible sources. For the first ten months of 2014, total feeder cattle imports are up 22 percent, i.e. some 219,000 head. Over 60 percent of that year over year increase in feeder cattle imports from Canada and Mexico were heifers. It appears that beef cow herd expansion has not started in Canada and Mexico and when it does there is likely to be fewer imported cattle, especially heifers, available to supplement U.S. feeder cattle supplies.

There is little doubt that beef cow herd expansion began in the U.S. in 2014. Beef cow slaughter is down over 18 percent and the nearly 8 percent year to date decrease in heifer slaughter is a strong indication of increased heifer retention. U.S. beef cow inventories will likely show a modest increase into 2015. However, cow and heifer numbers do not appear to be expanding in Canada and Mexico and North American beef cow herd inventories will remain tight for many months. Canada and Mexico have not yet started to feel the short term cattle numbers squeeze that is associated with the early stages of herd expansion.



Experto prevé que las consecuencias de la reciente sequía seguirán presionando

By Blair Fannin, Texas A&M University Extension December 17, 2014 | 1 Texas agriculture industry experts discussed the future of water and its impact on crop production before 287 attendees at the 26th Texas Plant Protection Association Conference held recently at the Brazos Center in Bryan.

Dr. Bill Dugas, acting vice chancellor for agriculture and life sciences and acting dean of the College of Agriculture and Life Sciences for The Texas A&M University System, opened the conference with welcoming remarks.

"Your efforts are to be commended in bringing together everyone in this setting to discuss these important issues," Dugas said. "Though we've received rain, drought is still an issue in Texas and will continue to be an issue in Texas as 35 percent of the state is still in extreme or exceptional drought status."

"Looking at a 50-year horizon, by 2060 there will be 80 percent more Texans living here in the state," said Carlos Rubinstein, chairman of the Texas Water Development Board and one of the general session speakers. "That's more than 57 million people needing water here in Texas." Carlos Rubinstein, chairman of the Texas Water Development Board and one of the general session speakers at the 2014 Texas Plant Protection Association Conference.

Rubinstein said by 2060, Texas will be short 8.3 million acre feet of water if current water plan goals are not met.

"We all remember 2009 and how dry it was," he said. "In 2011, Texas used 18 million acre feet of water. So, where is the water going to come from?"

Rubinstein said a state water plan, which serves as a model to others, aims to solve the challenges. He said about one-third of the water needed will be met by conservation and reuse.

"To me, that's the cheapest water we can have because it's water we already have," he said.

Another third will come from proposed new water sources and infrastructure, such as incentivizing seawater and desalination.

Rubinstein said "there's no magic bullet" to solving Texas' future water needs, but the agency does have dedicated financing to fund local water projects, something that wasn't available in the past. The funding is a result of Texas voters passing an amendment last year authorizing \$2 billion from the Rainy Day Fund to create the State Water Implementation Fund for Texas or SWIFT.

SWIFT funds will be used to leverage loans to develop approved water projects. The water development board is currently accepting applications until Feb. 3. Loans are not made to for-profit entities. Water districts will also play an important role, Rubinstein said.

Not less than 20 percent of the funds will be used for conservation and not less than 10 percent will be used for agriculture and rural water, he noted.

"That's a floor, not a ceiling, and I hope we can go above that."

"It's very important that you are here and part of this dialogue, as this is a very important issue," Miller said.

"We're not talking about water, but the lack of water."

Miller said during the Dustbowl of the 1930s, Texas and Oklahoma were hardest hit. More than 3.5 million people were displaced as result of the drought, relocating to California and other states, Miller said.

"The whole population was affected, not just agriculture," he said.

During the 1950s drought, 25 percent of Texas' rural population moved to urban areas.

Economic losses have been staggering to Texas agriculture, Miller said. The 2011 drought led to \$7.6 billion in agricultural losses, which were on top of \$3.6 billion in losses in 2009 and \$4.1 billion in 2006. In 1998, drought losses were estimated at \$2.4 billion.

Hardest hit has been Texas' beef cattle industry, Miller said. Texas beef cow numbers were 5.35 million head in 2005. In 2014, that number was cut to 3.91 million head.

"Beef cattle are our most valuable, marketable commodity in Texas," Miller said. "That decline was due to loss of forage base, the resources to stock and restock cattle, and prices became too high to restock. We've seen a 27 percent decrease in the number of mother cows and statewide. That's been a huge loss of resource as far as cattle are concerned."

As a result of fewer mother cows and calves to market, it's also led to closures of packing plants. Miller noted the closure of San Angelo Packing Inc. in April 2013 and the Plainview Excel plant in February 2013, eliminating 2,000 jobs.

Buenas perspectivas comerciales abre la reanudación de relaciones diplomáticas con CUBA

By Karl Plume, Reuters December 18, 2014 Exports of U.S. agricultural products such as wheat, rice, soybeans and meat products stand to gain from a surprise U.S. move toward repairing relations with Cuba, agriculture industry officials said this week. U.S. Department of Agriculture Secretary Tom Vilsack called the move an "important opportunity" that will make exports of U.S. farm goods cheaper, easier and less time-consuming for shippers.

President Barack Obama announced on Wednesday that the United States would restore diplomatic relations with Cuba more than 50 years after they were severed.



U.S. law exempted food from a decades-old embargo on U.S. trade with the Cuba, but cumbersome rules on how transactions were executed made deals difficult and costly. The U.S. policy shift should eliminate these hurdles.

"The policy change is that now payment can be made while goods are in transit, which is the normal course of business, and no longer does the money need to be routed through a third party," Vilsack told reporters on the sidelines of a U.S.-China trade meeting.

Cuba imported nearly \$350 million of U.S. agricultural products in 2013, including \$146 million of poultry meat, \$108 million of soy products, and \$82 million of corn and feeds, according to U.S. Department of Agriculture data.

Easing of financing restrictions opens up the market, just 90 miles (145 kilometers) from the world's largest agricultural exporter, to other products.

"Wheat hasn't traded there, rice hasn't either. Those are two new opportunities. With the enhanced tourism, the increased incomes could benefit higher-value products like beef and pork," said Devry Boughner Vorwerk, a Cargill vice president and chair of the U.S. Agriculture Coalition for Cuba.

Cuba's purchases of U.S. wheat and rice have been restricted by the higher cost of financing transactions compared with shipments from South America and Asia.

"Cuba has not imported any U.S. wheat for five years. Opening trade has the potential to put that market back in our column as they like our wheat and it is loaded only a short sail from Cuba," said Steve Mercer, spokesman for the U.S. Wheat Associates.

The trade group said Cuba could import at least 500,000 tonnes of U.S. wheat a year if trade were easier.

"We believe our market share there could grow from its current level of zero to around 80-90 percent," Alan Tracy, president of the U.S. Wheat Associates, said in a statement.

Cuba would likely buy mostly hard red winter wheat, a bread-making variety grown mainly in the U.S. Plains states, as well as pasta-making durum and soft red winter wheat, used in pastries.

Cuba's milled rice purchases could approach 700,000 tonnes a year, according to one rice exporter, making it one of the region's top markets for U.S. rice. (Editing by Tom Brown and Ken Wills)

RUSIA

India podría comenzar a exportar carne de búfalo en diciembre

Fonte: Rádio Voz da Rússia, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.16/12/2014 Os primeiros lotes de carne de búfalo indiana podem entrar no mercado russo até o final deste ano, disse o assistente do chefe do Rosselkhoznadzor, serviço de vigilância da Rússia, Alexei Alexeenko.

No início de dezembro, o Rosselkhoznadzor e o Conselho para o Desenvolvimento das Exportações Agrícolas da Índia definiram as condições de fornecimento de carne de búfalo indiana para a Rússia. Na ocasião, foi anunciado que as autoridades da Índia têm a intenção de aprovar formalmente as exportações de carne de búfalo para a Rússia durante a visita do presidente Putin a Deli.

Atualmente, há quatro empresas indianas autorizadas a fornecer carne de búfalo para o mercado russo. No entanto, Alexeenko acredita que o número de fornecedores poderá aumentar no futuro.

AUSTRALIA

2014 año de récords de producción y exportaciones

17 December 2014 By the time 2014 is over, a number of Australian red meat records will be reset, including beef production, lamb production, and respective exports – each to highs that are unlikely to be matched for many years to come.

Beef production was fuelled by the widespread drought across the heavily populated cattle regions, consequently inducing high slaughter rates – with the eastern states weekly kill regularly exceeding 170,000 head – significantly greater than the usual 130-140,000 head range. Similarly, lamb production rose with the dry conditions spreading further south as the year progressed – the indicative eastern states kill nudging 400,000 head per week at times.

Offering considerable support for both beef and lamb prices was the hot and hungry global red meat market, with the US in particular demanding extremely high volumes of lean beef at record high prices. Similarly, lamb exports also surged, with greater volumes to all markets. While the greater supply from Australia drove much of the increase, the progressive devaluation of the A\$ also assisted trade. Despite the fact global prices have been high, movement through the supply chain has been somewhat constrained, given the congestion at many abattoirs.

However, during 2014 the Eastern Young Cattle Indicator (EYCI) averaged 335¢/kg cwt, finishing the year with a head of steam, with EYCI eligible cattle at Roma and Tamworth closing the year in excess of 400¢/kg cwt. The Eastern States Trade Lamb Indicator (ESTLI) averaged 521¢/kg cwt for the year, up 23% year-on-year – staggering, considering how high slaughter was, and how weak restocker interest was at times.



While the production and export records set in 2014 will cast a long shadow, and are unlikely to be broken for many years to come, the expected strong international demand, combined with anticipated tighter supplies in 2015 should offer support for beef and lamb prices. Once the drought breaks, the question becomes, will cattle, lamb and sheep prices follow suit?

Compulsa entre productores para adecuar el glosario de términos relativos a la carne

18 December 2014 - Thoughts on the language of cattle, both dead and alive, are currently receiving major scrutiny.

Two acoustic herd analyses and a national call for farmers to describe the meat they raise have ignited debate on animal welfare and eating experience respectively.

Australia's cattle industry is reviewing its official Australian Beef Language, a list of words used to describe beef to prospective customers. Beef products at all stages of the "red meat pipeline" are described.

In an "open call" to all producers, the industry hopes to progress the language to, "accommodate new opportunities for beef".

This will update the existing "common language" documented by AUS-MEAT, a partnership between the Australian Meat Processor Corporation and Meat and Livestock Australia.

Rather than being a totally new language, AUS-MEAT intends for farmer submissions, which must be in by the end of the year, to maintain the continual evolution of the language.

AUS-MEAT said it is: "Supporting a project to undertake a critical scientific examination of how future developments in science and technology, markets and market constraints and the changing wants and needs of customers and consumers, might potentially reshape the 'language' used across all sectors of the Australian beef industry."

Summarising what this means for farmers, Cattle Council board member Dave Hill said: "The beef language influences how you get paid, the discounts you receive, the way we cut and describe the carcass and how we label product in retail."

Cattle language and its potential impact on animal welfare is being discussed over in the UK after Nottingham University research distinguished three different bovine calls.

Queen Mary and Nottingham Universities have said that cows produce two maternal calls for calves, for when they are close-by and far away. Calves were found to have a specific call for "I'm hungry" to initiate suckling.

The insight, which follows a year of data analysis, could lead to greater understanding of "vocal indicators" of animal welfare, said researcher Dr Alan McElligott.

Cotizaciones de carne manufactura hacia EE.UU. se debilitan

18 December 2014 Prices of imported beef products from Australia and NZ in the US took another tumble this week, with the ongoing high NZ slaughter and large volumes of Australian product traded. Although entries of NZ beef into the US had not spiked as of last week, customs cleared imports are likely to increase in the last two weeks of the year, bringing NZ closer to their annual quota (as at 15 December, 83.9% of 213,402 tonnes, compared with Australia's 78.4% of 413,214 tonnes).

The 90CL cow beef indicator dropped another 12.5US¢ this week, to 242.5US¢/lb CIF (down 18.4A¢, to 623.6A¢/kg FAS), based on Steiner Consulting group's weekly survey of importers. Most other products were also cheaper, with the exception of 65–80CL trimmings, which were steady.

The US domestic market is also on the way down, with spot prices for feeder cattle and fed steers dropping 3% in the past week, after starting to decline in early December. Both feeder and live cattle futures have also dropped significantly in the last two weeks, suggesting demand for cattle at the processor level will be weaker than what it was a month ago. In a historic context, prices are still very high, but it has been a sharp correction during the first half of December.

Se mantiene la alerta por la Corriente de El Niño

17 December 2014 While much of northern and eastern Australia has received good rain over the past fortnight, the Bureau of Meteorology (BOM) has maintained their El Niño–Southern Oscillation (ENSO) tracker at the alert stage. While the equatorial Pacific Ocean temperature has remained above El Niño threshold levels for several weeks, other indicators have not confirmed an El Niño event. For instance, the Southern Oscillation Index (SOI), while remaining negative, has averaged about -5 over the past week – the SOI must be sustained below -8 to indicate an El Niño event. Regardless of whether an official El Niño is declared, the alert status indicates El Niño-like conditions can be expected over coming months.

While some regions have recently received good rain, El Niño-like conditions have occurred across much of the country during the second half of 2014, with southern Australia having a dry spring and many regions in the north continuing to experience drought conditions. While BOM haven't predicted an outright



El Niño event this summer, in their latest three-month outlook a hot, dry summer is forecast for much of the country.

EMPRESARIAS

McDonald's: crece la demanda hamburguesas Angus

Fonte: ABA, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. Postado em 17/12/2014 Na lista dos sanduíches mais requisitados da rede de restaurantes McDonald's, a linha com a carne Angus ultrapassou no último mês a marca das 10 mil toneladas de hambúrgueres comercializadas nas mais de 800 lojas da rede em todo o Brasil.

O marco foi celebrado na noite do último dia 11, em Porto Alegre (RS), onde foi entregue pelo presidente da Associação Brasileira de Angus, Paulo de Castro Marques, e pelo diretor do Programa Carne Angus Certificada, Reynaldo Titoff Salvador, uma placa alusiva ao Gestor de Supply Chain da Arcos Dorados, Gustavo Faria.

Após vários meses de preparação que reuniram Marfrig, McDonalds e Associação Brasileira de Angus, a linha foi lançada em novembro de 2011, em São Paulo e Distrito Federal, com lançamento nacional em desde julho de 2012. Além dos fixos Angus Deluxe e Angus Bacon, a linha já contou com outros seis sanduíches com a carne Angus. Para atender a crescente demanda, hoje unidades da Marfrig Global Foods e JBS S/A abastecem a rede com as matérias primas certificadas para fabricação do McAngus.

Para o gerente nacional do Programa Carne Angus Certificada, Fábio Medeiros, a parceria com o McDonald's tem um papel vital para o melhor aproveitamento das carcaças abatidas pelo Programa Carne Angus Certificada, porque os hambúrgueres usam peças do dianteiro bovino, de grande qualidade, mas que não são tão apreciadas pela maior parte do mercado consumidor brasileiro.

Inversiones brasileñas tienen fuerte ponderación en la industria frigorífica uruguaya

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/12/2014 Até 2006, os frigoríficos brasileiros de carne bovina não conseguiam fazer seu produto chegar em mercados que não compram a carne do país por exigências sanitárias. Decidiram investir no Uruguai. Em 2013, os embarques uruguaios de carne bovina renderam US\$ 1,7 bilhão, enquanto os brasileiros atingiram US\$ 6,7 bilhões.

Hoje, três grupos brasileiros – Marfrig, Minerva e JBS – são responsáveis por 44,6% dos abates bovinos e 45,9% das exportações de carnes no país vizinho.

Com quatro frigoríficos no Uruguai, a Marfrig se transformou na maior empresa privada do país.

As preocupações voltam-se hoje para a falta de acordos comerciais com países fora do Mercosul. O Uruguai exporta mais de 70% das 550 mil toneladas de carne bovina que produz anualmente. Nos dois últimos anos, a participação do mercado chinês nas exportações de carne bovina uruguaia aumentou de 6% para 20%.

O Uruguai gasta anualmente US\$ 223 milhões em tarifas alfandegárias em exportações de carne.

Mesmo assim, os grupos brasileiros aproveitam a boa fase da alta dos preços da carne bovina. O Uruguai também se beneficia do aumento do consumo de proteína animal em outros países emergentes. Isso aparece também no mercado interno. A crise econômica argentina também tem influência no sucesso uruguaio.

Segundo relatório referente ao balanço da Marfrig no terceiro trimestre, o avanço de 9% nas operações do Uruguai e Chile “mais do que compensou” a desaceleração na Argentina, de 17% se comparado com o mesmo período de 2013.

Na Minerva, no terceiro trimestre deste ano, o faturamento com a exportação de carne bovina do país aumentou 22% na comparação com o mesmo período de 2013, com destaque para as vendas para os Estados Unidos, cuja receita cresceu mais de 50%. No mesmo período, as exportações da Minerva a partir do Brasil registraram alta de 7,5%.